



BORDANDO MAPAS: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA EM GEOGRAFIA

Ricardo José Batista Nogueira

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-doutorado em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Brasil.

nogueiraricardo@uol.com.br

RESUMO – O artigo é um relato de experiência realizado junto a uma turma de alunos de geografia num curso de formação especial (PARFOR) na cidade de Codajás – AM. As características diferenciadas do curso, modular e concentrado, exigem a busca de alternativas para que a aprendizagem seja eficiente. A disciplina oferecida foi “Metodologia do Ensino de Geografia”, e, por isso mesmo, com uma exigência de desenvolvimento de uma carga horária destinadas a atividade prática, realizamos uma inusitada proposta de cartografia sobre telas de juta para bordar mapas temáticos.

Palavras-chave: Mapas; Geografia; Ensino.

EMBROIDERING MAPS: A DIDACTIC EXPERIENCE IN GEOGRAPHY

ABSTRACT – This article is an experience report carried out with a group of geography students on a special training course (PARFOR) in the city of Codajás - AM. The different characteristics of the course, which is modular and concentrated, require the search for alternatives so that learning is efficient. The subject offered was "Methodology of Geography Teaching", and for this reason, with a requirement to develop a workload for practical activities, we made an unusual cartography proposal on jute canvas to embroider thematic maps.

Keywords: Maps; Geography; Teaching.

INTRODUÇÃO

O relato de experiência que será exposto aqui é apenas uma pequena parte da atuação da Universidade Federal do Amazonas no processo de formação de professores em diversos municípios do Estado a partir do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. Na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, este Programa envolve os cursos de Licenciatura – Matemática, Ciências, Educação Física, História, Geografia, etc., além do curso de Pedagogia. Portanto, são centenas de professores da Universidade e milhares de estudantes, majoritariamente compostos por professores que atuam na zona urbana e na zona rural dos municípios atendidos.

A UFAM demorou cerca de um século para se descentralizar, para possuir um campus fora da capital Manaus. Num estado com dimensões continentais e sem uma rede rodoviária abrangente, a regra é usar o tradicional transporte fluvial para se chegar à inúmeros municípios. Somente após a consolidação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Brasileiras -, instituído em 2007 e concluído em 2013, é que a UFAM criou os Campi de Parintins (450km); Itacoatiara (280km); Humaitá (650km); Coari (450 km); e Benjamin Constant (1.100km), é que os estudantes dispersos puderam ter um razoável acesso ao ensino superior público e gratuito.

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 339

O Departamento de Geografia já conta com uma longa experiência de atuação nos municípios do Amazonas antes mesmo desse programa. Ainda em meados da década de 1990 ofereceu-se uma turma no município de Parintins e no início dos anos 2000 em Benjamin Constant, contando com parceria dos municípios no financiamento desses cursos, realizados nas salas das escolas públicas -municipais e estaduais- ocorrendo de forma modular, com aulas concentradas nos meses de janeiro e fevereiro e julho, fazendo coincidir com os recessos dos professores e dos alunos, em sua maioria também professores da rede municipal.

A distribuição das disciplinas entre os professores reproduzia, sempre que possível, aquela idêntica à da sede em Manaus, visando aproveitar toda a organização pedagógica previamente definida pelos professores, evitando, portanto, que os professores tivessem que organizar um conteúdo programático diferente daquele de sua especialidade. Meu trabalho durante muito tempo estava ligado às disciplinas de Geografia Política do Brasil, Evolução do Pensamento Geográfico, Teoria e Método, além de Planejamento e Gestão do Território para os alunos do curso de graduação em geografia com habilitação em bacharelado. Fui tomado de surpresa quando o coordenador da turma me indicou que a disciplina a ser ministrada no Parfor de Codajás seria Metodologia do Ensino da Geografia, que havia alguns anos que eu não ministrava.

As VIAGENS, AS AULAS E O MAPA BORDADO

Codajás é uma cidade que fica localizada no Médio Solimões, a cerca de 250 quilômetros a Oeste da capital Manaus. Possui cerca de 23.500 habitantes (IBGE,2022), com aproximadamente 15.000 na zona urbana. Sua extensão territorial de 18.700 quilômetros quadrados, embora possa parecer reduzida para as dimensões regionais, é um pouco menor que o Estado de Sergipe no Nordeste brasileiro. A cidade desde 1987 realiza a Festa do Açaí, indicando a predominância da existência desse produto e sua extração servindo de fonte de renda para inúmeras famílias na zona rural. Em virtude da expressiva produção, o órgão do Estado do Amazonas responsável pela produção agrícola implantou, em 2013, uma usina de beneficiamento de açaí na cidade, que agora procura ter o “selo” de origem geográfica como “Açaí de Codajás”. Vale mencionar que a cidade só é acessível por via fluvial, com uma viagem que dura cerca de 24 horas em barcos regionais, ou apenas 8 horas nas lanchas rápidas, embora com um preço mais alto. Fiz a viagem de lancha e ao chegar ao porto da cidade (Figura 1) não havia como não lembrar da célebre música “Codajás”, entoada na voz do cantor amazonense Pereira, principalmente sua primeira estrofe que diz assim: “*O primeiro porto sem portaria, mas com toda porcaria que ao mercado aportou, Codajás...*”¹. O rio estava muito cheio, as águas invadindo várias ruas do centro comercial (figura 2), trazendo o lixo flutuando, muitas pontes já haviam sido construídas pela prefeitura para dar acesso aos comércios, inclusive ao hotel em que fiquei hospedado. Em 2017 a cheia foi considerada excepcional, muito próxima de recordes anteriores, uma das maiores nos últimos 20 anos.

Após aceitar o desafio, recorri às referências bibliográficas que eu acreditava serem interessantes para utilizar com os discentes, cuja atuação profissional, como disse acima, ocorre tanto na zona urbana quanto na zona rural do município. Dentre os artigos selecionados, escolhi, para iniciar o curso, o artigo de Piotr Kropotkin “O que a Geografia deve ser”, publicado originalmente em 1885. A ideia central era discutir aquilo que Kropotkin fala a propósito da xenofobia entre as nações, tentando argumentar que todos nós somos irmãos, independente de nossa nacionalidade. O objetivo disso era que no processo de formação das crianças se almejasse estimular a cooperação e a amizade acima das diferenças não somente do lugar de origem, mas também de raça, etnia e religião, afinal os referenciais identitários, quando mal compreendido, constituem, em geral, a base de preconceitos, tensões e mesmo conflitos em virtude da crença de superioridade de uns sobre outros. Assim, ser deste ou daquele lugar, ser



desta ou de outra religião, ou etnia, são elementos mobilizado para instituir relações de subordinações carregadas de estereótipos: ser rural ou urbano, ser da capital ou ser do interior, ser índio, negro ou branco, ser cristão ou não.

Figura 1. Terminal fluvial de Codajás.



Fonte: Foto do autor.

Figura 2. Área central inundada e as pontes construídas para dar acesso ao comércio.



Fonte: Foto do autor.



Ainda nesta mesma linha de pensamento, utilizei um artigo que eu havia escrito sobre como o Estado-nacional aparece nos livros didáticos de Geografia, que serviu de base para apresentação numa Mesa-Redonda de um encontro sobre Fronteiras promovido pelo Mestrado em Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em Corumbá, em 2011. Esse artigo foi elaborado a partir do contato que tive com livros didáticos de Geografia do México, do Peru, da Bolívia e da Venezuela em que se mostrava a formação territorial dos respectivos países com seus limites. O livro didático do México apresentava as perdas territoriais que tivera no passado, resultado da expansão norte-americana; o livro do Peru trazia uma descrição da sua formação relatando uma perda territorial de cerca de setecentos mil quilômetros quadrados para países expansionistas e com hábil diplomacia; o livro didático da Bolívia apresentava um forte lamento sobre as perdas territoriais em diversas guerras, sendo a derrota na guerra com o Chile o mais trágico, visto que ela perdeu seu acesso ao oceano Pacífico; da Venezuela, enfim, surpreendeu-me bastante o fato de que em todos os mapas do país – seja geológico, de vegetação, de cidades, etc. – a região de Essequibo, historicamente reivindicada, aparecia hachuriada e com uma inscrição que dizia “*Zona en reclamacion*”. Eu procurava mostrar aos alunos que toda e qualquer formação territorial de um Estado nacional está envolvida em processo nem sempre tranquilos, pois regra geral a formação das fronteiras nacionais implica em diversas formas de negociação.

Também acreditei ser importante apresentar aos alunos as considerações que o livro de Yves Lacoste, “A Geografia-isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (1976) traz sobre o ensino dessa disciplina. Trabalhei os cinco primeiros capítulos que estão diretamente ligados ao ensino. Os títulos dos capítulos, de certo modo, já deixam os alunos impactados, como ‘Uma disciplina simplória e enfadonha?’; “Da Geografia dos professores aos ecrãs da geografia-espetáculo”; “Um saber estratégico em mãos de alguns”; e um último “A geografia escolar que ignora toda prática, teve, de início, a tarefa de mostrar a pátria”, que complementava a discussão trazida anteriormente sobre a vinculação do ensino de Geografia com o Estado, a nação e a pátria.

Um dos grandes trunfos desse programa de formação dos professores é oportunizar uma formação superior aos professores que já possuem um largo período de atuação no ensino e, com isso, potencializar as suas atividades desempenhadas oferecendo novas teorias e metodologias. São majoritariamente professoras com uma idade média acima dos jovens que ingressam com menos de vinte anos. Este perfil coloca desafios para a própria elaboração do plano de curso a ser ministrado, os textos selecionados, os temas mais prioritários e as atividades pragmáticas que podem ser desenvolvidos ao longo da disciplina, que podem, inclusive, ser ajustados conforme o perfil de cada turma.

Tive essa experiência quando fui ministrar a disciplina Evolução do Pensamento Geográfico para uma turma em São Gabriel da Cachoeira, uma cidade com forte diversidade étnica. Ao entrar na sala de aula e solicitar uma apresentação dos alunos, meu choque foi ouvir a primeira aluna dizer: “meu nome é Francisca, moro na Comunidade Assunção e sou *Baré*”, sendo seguida por todos os demais, cada um deles dizendo a sua origem étnica: sou Tukano, sou Dessana, sou Tuyuka, sou Baniwa.... A partir disso tive que, as pressas, rever todo o meu curso, pois pensei o que significaria para eles eu falar de ciência moderna, René Descartes, Kant, Herder, Ratzel ou La Blache, quando seria melhor expor algo mais que os fizessem pensar sobre sua relação com o espaço vivido, as qualificações, as extensões, as distribuições, os significados que as respectivas etnias conferem ao ambiente natural. Minha realização tornou-se completa quando projetei um mapa em grande escala da região do alto Rio Negro e muitos deles conseguiram ver, de cima, talvez pela primeira vez, as suas comunidades e o emaranhado de rios e igarapés.



Voltando à turma de Codajás, utilizei artigos que davam indicações de como trabalhar a cidade na sala de aula; como trabalhar as noções de escala tendo como recurso o corpo, os pés, as mãos; a elaboração de um calendário climático, marcando com os alunos os dias com sol e com chuva; associado a isso trabalhar a hidrografia regional e o regime de enchente e vazante, porque todos aí vivenciam esse movimento dos rios de maneira intensa: na zona rural, é a exposição ou a cobertura da área de várzea que define o ritmo da plantação de mandioca; na zona urbana, com a inundação de parte da cidade e a construção de pontes de madeira para dar acesso às lojas; como utilizar os objetos de consumo – alimentos, roupas - para identificar a localização da indústria no Brasil; como as feiras e mercados são importantes para aprender a produção rural, os produtos que são produzidos na própria região e aqueles que vem de barco para a cidade de Codajás, além da pesca que possui um significado vital para grande parte da população ribeirinha. Ou seja, a ideia era mostrar o amplo leque de atividades que pode ser desenvolvido pelo professor de geografia com seus alunos e mesmo com a realização de atividades conjuntas com professores de Ciências e História.

O desafio de concentrar em dez dias úteis um curso de sessenta horas exige o desenvolvimento de atividades que sejam dinâmicas, afinal, são oito horas diárias para cumprir o programa. Além da seleção de artigos curtos, entretanto bem objetivos sobre a origem do ensino de geografia, o porquê da existência dessa disciplina aos escolares, eu estava inseguro quanto a realização de uma atividade prática com os alunos. Certo dia, ao entrar em sala para começar a aula, havia uma aluna senhora bordando flores coloridas numa pequena toalha branca que ela daria para uma amiga. “Eureka”, pensei em segredo e fui conversar com ela sobre o bordado. Ao final da aula, consultei os alunos sobre realizar uma atividade prática que consistia em bordar mapas. Apesar do consentimento, da aceitação, havia alguns problemas a serem resolvidos para a concretização da atividade. Aproveitando as discussões sobre rede urbana e a distribuição dos bens e serviços, na verdade recuperando o pensamento de Walter Christaller e as aulas de Geografia urbana com eles, mostrei como, na prática a cidade de Codajás, pela sua dimensão, pelo seu mercado, pela sua posição na rede urbana amazonense, não oferecia determinados serviços e produtos, dentre eles tela de juta para fazer os mapas que eu imaginava. Foi quando a aluna senhora falou: “professor, essas coisas o senhor só encontra em Manaus”. Era uma quinta feira. No dia seguinte embarquei na lancha (figura 3) de volta para Manaus em busca dos produtos: telas, agulhas, linhas de várias cores. A viagem de oito horas me deu tempo para pensar na cartografia temática, na forma como eles iriam bordar os mapas. Durante minha ausência, deixei como tarefa para a aluna senhora e outras alunas (só mulheres) que sabiam bordar, ensinar aos demais alunos como se faz um bordado, os tipos de pontos necessários para execução da atividade (Figura 5).

Retornei para a cidade de Codajás num domingo, mais oito horas dentro da lancha ao longo do rio Solimões, levando todo o material necessário para fazer os mapas bordados que eu imaginara. É importante afirmar que isto também só foi possível em virtude da expansão dessa nova modalidade de transporte fluvial – a introdução de lanchas rápidas – em diversas calhas da bacia amazônica, desde o final da década de 1990, dotadas de potentes motores e transportando apenas o passageiro e sua bagagem, ao contrário dos barcos tradicionais, de madeira, que transportam passageiros e cargas diversas, sendo, portanto, mais lentos que as lanchas. Um barco desse leva, como dissemos, cerca de 24 horas de Manaus a Codajás, na contracorrente do rio Solimões, o que tornaria para mim impossível ir e voltar à Manaus para comprar o material necessário às atividades.

Na retomada das aulas, dividi o tempo da seguinte maneira: durante duas manhãs dei sequência às discussões com os textos e artigos sobre o ensino de Geografia e durante a tarde o tempo estava destinado a realização das atividades de treino do bordado bem como a elaboração dos croquis em folhas de cartolina para ser sobreposta às telas de juta, a base do bordado. Também,



aproveitando o momento de uso da tela para bordado, fizemos uma breve discussão sobre a produção de juta nas várzeas amazônicas, introduzida pelos japoneses na década de 1940 no município de Parintins e que se espalhou por diversos municípios. Com isto, não faltaram relatos dos alunos sobre o pesado processo de produção da juta realizado pelos pais de alguns alunos, que dividiam o tempo de trabalho entre a mandioca e a juta. Esclareci que produção da juta estava associada à produção de sacaria para a exportação de café, e que chegou a existir em alguns municípios – Parintins, Manaus e Manacapuru – fábricas de fiação e tecelagem de juta.

Figura 3. Lanchas rápidas de transporte de passageiros na Amazônia.



Fonte: Foto do autor.

Figura 4. O interior da lancha.



Fonte: Foto do autor.



Figura 5. O treinamento que antecedeu o mapeamento.

Fonte: Foto do autor.

Três dias antes de encerrar o curso, decidimos os tipos de mapas que bordaríamos: assim, ficou definido um trabalho em equipe, composto de homens e mulheres, em que cada grupo bordaria um tipo de mapa; um grupo faria um mapa das regiões brasileiras; outro grupo faria um mapa da bacia amazônica e seus principais rios, outro grupo faria um mapa de vegetação e hidrografia (Figura 6). As cores das linhas representariam os fenômenos a serem destacados, como, por exemplo, linhas azuis para os rios, verdes para a vegetação, pretas para indicar uma cidade, etc. Percebi, na elaboração dos bordados, a clara diferença entre o trabalho feminino e o trabalho masculino, estes últimos com menor habilidade manual em virtude das suas práticas usuais deixarem as mãos mais grossas e mesmo menos flexíveis à exigência do bordado. Mãos que puxam as redes de pesca, mãos que pegam um machado para limpar o roçado ou uma enxada para preparar o solo.

Figura 6. Os mapas.

Fonte: Foto do autor.



Contudo, isto não se tornou um impedimento para a finalização do trabalho. A curiosidade de uma equipe sobre o trabalho da outra forçava um aprimoramento na execução dos pontos do bordado. A movimentação entre os grupos também contribuiu para a realização do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução dos bordados, eu me interrogava sobre a atividade em andamento, uma vez que, em pleno período de uso de sofisticados softwares, programas de computação para elaboração de mapas, como o Arcgis, Qgis, Spring, Mapinfo, dentre outros, além dos aparelhos celulares e a hegemonia do google maps nas mãos de cada um de nós, imaginando se, de fato, aquela atividade poderia ser reproduzida nos níveis elementares do ensino básico. Mas ao mesmo tempo imaginava nos possíveis desdobramentos e potencialidades dessa atividade como fixação de aprendizagem de localização, extensão, distribuição dos mais diversos fenômenos com determinada dimensão espacial. Os alunos poderiam bordar o mapa do município, a rede hidrográfica, os rios e lagos, a localização das comunidades rurais, e outros elementos.

Enfim, ao final do curso, senti que os alunos, apesar de algum acanhamento masculino sobre o ato de bordar, gostaram de realizar a atividade prática, sem a pressão de uma avaliação no estilo tradicional de uma prova de conhecimentos. Podem até esquecer, com o tempo, os pontos do bordado, mas certamente não esquecerão o tipo de atividade desenvolvida.

Figura 7. O professor também borda.



Fonte: Foto do autor.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana. A geografia escolar e a cidade. Campinas, Ed. Papirus, 2008.

KROPOTKIN, Piotr. O que a Geografia deve ser. São Paulo., AGB/SP, Seleção de Textos, nº 13,

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 346

LACOSTE, Yves. A geografia, isso serve – em primeiro lugar para fazer a guerra. Campinas. Ed. Papirus, 1988.

NOGUEIRA, Ricardo. Estados-nacionais, fronteiras e o ensino de Geografia. Revista Fronteira em Foco, 2011.

VESENTINI, José William. Repensando a Geografia escolar para o século XXI. São Paulo, Ed. Plêiade, 2009.

¹ Música Codajás, composição de: Natacha Fink / Regina Mello.

